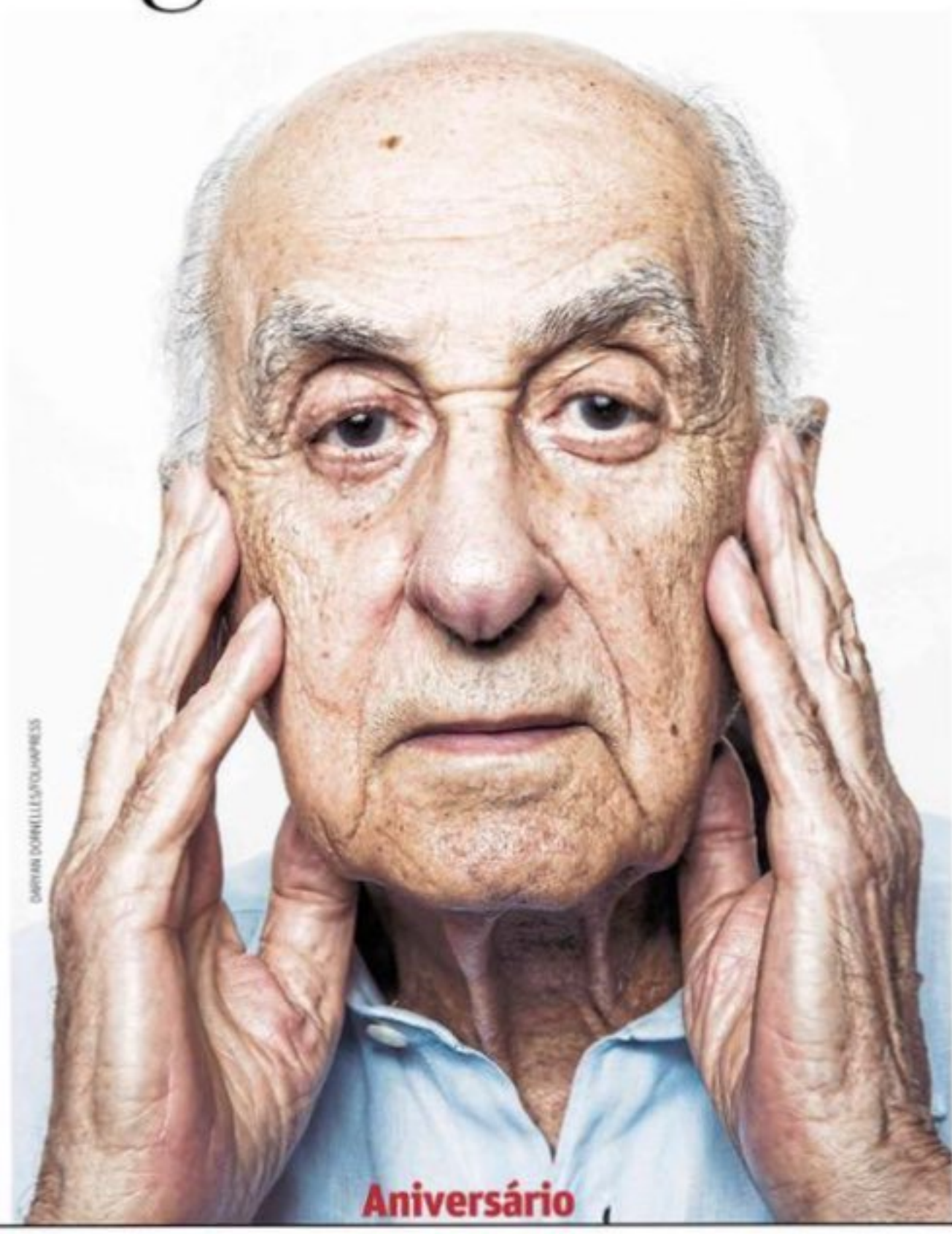
Magazine

TEL: (31) 2101-3956 Editora: Marília Mendonça
marilia.mendonca@otempo.com.br e-mail: magazine@otempo.com.br twitter: http://twitter.com/OTEMPOmagazine Atendimento ao assinante: 2101-3838

Um garoto chamado Zuenir Ventura

Aniversário



DARYAN DORNELLES/OLHAR PRESS

Escritor e jornalista mineiro completa 90 anos e diz ter motivos pessoais para comemorar, mas lamenta o atual momento que o país atravessa com a pandemia de Covid

BRUNO MATEUS

Zuenir Ventura dispensa o tratamento de "senhor" e faz questão de que o chamem apenas de "você", e foi assim que me referi a ele quando iniciamos nossa entrevista por telefone, na manhã de ontem. Bem-humorado, ele faz piada: "Eu sou um garoto. Mesmo quando eu era mais jovem, nem meus filhos me chamavam de 'senhor'". Zuenir completa hoje 90 anos e vive uma contradição. Atravessar 90 outonos se mantendo com saúde, intelectualmente relevante e ativo profissionalmente é motivo de alegria para esse mineiro de Além Paraíba, que ainda criança mudou-se para Ponte Nova e, aos 11, chegou a Nova Friburgo, no Rio, com a família.

Entretanto, quando olha ao redor e constata a situação política, sanitária e social pela qual o Brasil passa, Zuenir não vê razões para celebrar. "Eu sou feliz. Não fui atingido por essa praga, essa coisa horrorosa da Covid, minha família também não. Pessoalmente não tenho do que reclamar. Chego aos 90 com saúde, mas à minha volta é uma tristeza, está acontecendo uma pandemia, seria muito insensível que eu não sentisse o que está acontecendo com o país, com as pessoas", diz o jornalista, escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras. "O presidente acha que é uma gripezinha e não gosta que o chamem de genocida, mas é exatamente isso que ele está promovendo: um genocídio. Tenho a impressão de que o Brasil é um país-cemitério", completa.

Zuenir mantém uma rotina de cuidados. No Rio de Janeiro, onde vive no bairro de Ipanema com Mary, sua companheira, o escritor só sai de casa para ir ao médico ou ao dentista. Os telefonemas não dão conta de matar a saudade que sente dos amigos. Zuenir vê os dois filhos e os dois netos a distância, e os beijos e abraços que adora dar ficarão para um futuro ainda difícil de saber quando chegará. "Moro ao lado do meu filho. Imagina... Sou muito beijoqueiro, beijo até cachorro na rua, e agora não posso abraçar minha família", comenta.

O período de reclusão traz reflexões sobre a vida, mas também sobre perdas. Entre tantas nesta pandemia, a última foi do amigo querido e jornalista Milton Coelho da Graça, no último sábado (29), vítima de Covid-19. "Ele foi o melhor exemplar da minha geração, o mais combativo", ressalta. Aos 90 anos, Zuenir Ventura testemunhou e escreveu sobre momentos sociopolíticos e mudanças comportamentais fundamentais da segunda metade do século XX.

Quando o estudante Edson Luís foi morto pela polícia no restaurante Calabouço, no centro do Rio, em março de 1968, Zuenir, que trabalhava ao lado, na redação da revista "Visão", viu o corpo do secundarista ser carregado por outros estudantes. Quando revoltas e greves gerais explodiram na França no chamado "Maio de 68", o autor do clássico "1968: O Ano que Não Terminou" estava em Paris. De volta ao Brasil, o jornalista foi preso pela ditadura dias depois da edição do AI-5. Zuenir ficou três meses encarcerado. "Eu já vivi suicídio de presidente (Getúlio Vargas, em 1954), renúncia, deposição, golpe, censura, fui preso, mas nunca vivi um momento em que tivéssemos tantas crises acumuladas", observa.

Para um homem que viveu os anos dourados, os anos rebeldes e os anos de chumbo, o biênio 2020-2021 tem sido lamentavelmente assustador. Ao classificar esse período histórico em terras brasileiras, a resposta sai num instante, sem muito pensar: "Hoje seriam os anos do cinismo e do deboche. Na ditadura você tinha a hipocrisia e o fingimento, hoje é uma 'gripezinha'. Nunca vi tanto desprezo pela vida".

Contudo, nem quando fala de assuntos tristes e pesados Zuenir Ventura perde o ar piadista. Ele afirma ser "metido a engraçado". Outra característica que o escritor não perde é o otimismo e a esperança de que o povo saiba e possa lutar pelos seus direitos e por dias melhores. "Esse é o primeiro dos meus 90 anos", ele brinca.

Memórias

Livro de 2005 ganha reedição

Há 16 anos, Zuenir Ventura lançou "Minhas Memórias dos Outros", livro no qual ele conta histórias marcantes em 60 anos de jornalismo, profissão que o pegou pelo laço e pelo destino, já que o desejo dele era mesmo ser professor, por isso cursava na faculdade de letras, no Rio de Janeiro. Com um emprego no arquivo do "Tribuna da Imprensa", Zuenir por acaso estava na redação quando ouviu Carlos Lacerda, dono do jornal, perguntar quem poderia fazer o obituário do escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960). "Eu adorava Camus, levantei a mão na hora. O artigo fez sucesso, foi aquele impacto, e me chamaram para a redação", conta Zuenir.

Recentemente, "Minhas Memórias dos Outros" (Editora Objetiva) ganhou edição revisada e ampliada. A obra traça um panorama do Brasil da ditadura à redemocratização, da revolução sexual à chegada da Aids, e divide com o leitor histórias com personagens do calibre de Nelson Rodrigues, Betinho, Hélio Pellegrino, Darcy Ribeiro e Glauber Rocha. O novo volume traz textos inéditos sobre uma entrevista com Carlos Drummond de Andrade e um encontro com os quatro Antônios – Antônio Callado, Antônio Candido, Antônio Houaiss e Antônio Carlos Jobim.

O livro também dá um final feliz à história de Genésio, testemunha-chave da morte do líder ambientalista Chico Mendes. Para impedir que ele fosse assassinado, Zuenir acolheu o garoto dos 13 aos 21 anos. Foi sua história mais difícil. "O mérito são os personagens, tive a sorte de encontrá-los. São personagens incríveis", diz o aluno de um certo Manuel Bandeira. **(BM)**

Scanned with CamScanner